

As Línguas de S. Tomé e Príncipe¹

Tjerk Hagemeijer

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

As ilhas de S. Tomé e Príncipe caracterizam-se por uma grande diversidade linguística que está directamente relacionada com dois períodos cruciais da sua história, designadamente o povoamento e o ciclo do açúcar, no século XVI, e o ciclo do café e do cacau, nos séculos XIX e XX. Propomo-nos aqui discutir as consequências destes dois períodos históricos para o actual panorama linguístico das ilhas.

Palavras-chave: S. Tomé e Príncipe, línguas crioulas, multilinguismo

1. Introdução

Apesar do espaço geográfico limitado e do reduzido número de habitantes, as ilhas de S. Tomé e Príncipe são autênticas ilhas de Babel. Além da língua oficial, o Português, com maior ou menor variação local, são igualmente faladas três línguas crioulas autóctones, designadamente o Santome² (lit. língua de S. Tomé) e o Angolar³ (lit. língua dos Angolares), ambos falados na ilha de S. Tomé, e o Lung'ie⁴ (lit. língua da ilha), falado na ilha do Príncipe, bem como o crioulo de Cabo Verde, o Português dos Tongas e resquícios de línguas do grupo Bantu.

2. O Povoamento

A história das línguas de S. Tomé e Príncipe começa em finais do século XV, cerca de duas décadas depois do descobrimento, quando a ilha de S. Tomé é

¹ Agradeço a Alcídio Pereira e Conceição Lima pela importante ajuda que me deram no aperfeiçoamento de muitos aspectos da secção 8, bem como a Alan Baxter, Arlindo Caldeira, Gerardo Lorenzino e Gerhard Seibert por terem melhorado, de formas diversas, o conteúdo deste artigo. Diversas partes deste artigo foram adaptadas do artigo *As Ilhas de Babel* (Hagemeijer 1999).

² Localmente também conhecido como Lungwa Santome, Forro (ou Fôlô) e Dialecto. No plano académico, também conhecido como São-Tomense.

³ Também conhecido como Ngola ou Lunga Ngola.

⁴ No plano académico, também conhecido como Principense.

povoada de forma definitiva por portugueses e escravos trazidos do continente africano, formando-se uma nova sociedade.

À semelhança do que se verifica na história de outros espaços crioulos, como por exemplo nas Caraíbas, admitimos a existência de dois momentos distintos na ocupação de S. Tomé: a fase de habitação, que vai do povoamento definitivo em 1493 até aos primórdios da introdução de cana-de-açúcar, por volta de 1520, e a fase de plantação, o período que medeia entre 1520 e o fim do século XVI (e.g. Sousa 1990; Garfield 1992), quando o ciclo do açúcar entre em ruptura.

Devido às tarefas de povoamento e à ausência de uma actividade económica de envergadura, a sociedade de habitação caracterizava-se por um baixo número de povoadores, essencialmente de sexo masculino, que recorria a mão-de-obra africana, em maioria numérica, para as tarefas domésticas, rurais e obras. Por força das circunstâncias, a fase de habitação terá sido, desde logo, propícia à crioulização. Havia, por um lado, um contacto mais intenso entre portugueses e escravos e, por outro, existia a necessidade iminente de comunicação que implicava uma aproximação, por parte dos escravos, ao código linguístico utilizado pelos povoadores portugueses.

Existem fortes indícios de carácter histórico-linguístico para o facto de os primeiros escravos em S. Tomé terem vindo da região do antigo Reino de Benim (actual Nigéria), com que os portugueses mantinham laços diplomáticos e comerciais desde a década de 80 do século XV. Nos documentos antigos, faz-se alusão a vários rios onde se resgatavam escravos, sendo os mais conhecidos os rios Forcados, Escravos e Formoso (hoje o Rio Benin), que ficavam relativamente próximos uns dos outros, no limite ocidental do delta do Níger. Sabe-se também que foi criada uma feitoria sem apoio militar em Guato (Ughoton), uma vila situada num braço do Rio Formoso, que era, nas palavras de Pereira (1506), “o porto da grande cidade de Beni”. Este entreposto funcionou intermitentemente entre 1487 e 1507, data em que encerrou (e.g. Mota 1976; Ryder 1969). A importância do Reino de Benim está patente no facto de se ter construído na capital uma igreja onde, com êxito, se ensinava a população local a ler.⁵

O contacto com os portugueses deixou também marcas linguísticas na língua do Reino de Benim. Melzian (1937: 79) refere que o *ibie*, a língua secreta dos *iwebo*, a prestigiada classe que se ocupa do vestuário do *oba* ‘rei’, contém muito léxico português. A palavra é composta por *iw* + *ebo* (Melzian 1937: 103), sendo *ebo* ‘europeu, homem branco’ (Melzian 1937: 28). Também

⁵ *Monumenta Missionaria Africana*, Vol. I, carta 103 (1516)

é de realçar que o Edo absorveu léxico português, incluindo *alimoi* ‘laranja’ (de: limão), *efêrhinye* ‘farinha de mandioca’ (de: *farinha*), *ekuye* ‘colher’, *isãhê* ‘chave’, *epipa* ‘pipa’, etc. (exemplos retirados do dicionário de Melzian 1937).

Nos finais do século XV, os portugueses também estabeleceram relações amigáveis com o reino do Congo, tendo S. Tomé recebido luz verde para, a partir de 1493, obter escravos na região que ia do Rio Real⁶ até ao Congo. No entanto, Pereira (1506), enquanto testemunha presencial, refere que no início do século XVI não se resgatavam muitos escravos dessa nova área, confirmando a sua observação de que nos finais do século XV e princípios de XVI muitos “cativos” vinham do Benim.⁷ Isso permite-nos estabelecer uma correlação entre a fase de habitação e uma predominância do resgate no delta do Níger, com destaque para o referido Reino, onde se falava e fala Edo, uma língua do grupo Edóide.

Conforme referido, a grande reviravolta na ilha dá-se com o desenvolvimento da produção de cana sacarina para fins comerciais, pressupondo um outro tipo de estrutura logística que requer, entre outras condições, abundante mão-de-obra. O início da fase de plantação (c. 1520) coincide com a deslocação da área de resgate do Benim para zonas Bantu, primeiro o Congo e pouco depois Angola (Almeida 2008). Nesta fase da sua história, S. Tomé também começa a conquistar um papel importante como entreposto de escravos no comércio transatlântico. Ao contrário da fase de habitação, claramente ligada ao delta do Níger, a fase de plantação deve, por isso, ser associada à predominância do resgate em zonas onde eram faladas línguas Bantu, nomeadamente variedades do Kikongo e do Kimbundu, tipologicamente muito distintas do Edo do reino de Benim. Como veremos, esta diferença tipológica, que demarca fases distintas, permite reconstituir, em linhas gerais, a origem das línguas crioulas do Golfo da Guiné.

3. As línguas crioulas

Do contacto entre os povoadores portugueses e os escravos africanos surgiram as línguas crioulas inicialmente referidas: o Santome, o Angolar, o Lung’ie e

⁶ Rio situado na fronteira entre a Nigéria e os Camarões.

⁷ Pereira (1506), *apud* Sousa (1990), p. 396 e p. 472

também o Fa d’Ambô.⁸ Estas línguas constituem hoje quatro línguas distintas que tiveram, no entanto, uma história comum. Desde a obra de Günther (1973) e Ferraz (1974, 1979), a maioria dos autores têm implícita ou explicitamente partido do princípio de que o contacto linguístico resultante do povoamento de S. Tomé teve como consequência mais duradoura o aparecimento de uma (única) língua crioula de base lexical portuguesa que ramificou em quatro. A tese mais plausível é a de que o contacto entre falantes do português e falantes das referidas línguas africanas tenha inicialmente dado origem a um *pidgin*, na ilha de S. Tomé, que rapidamente terá nativizado entre os descendentes da primeira geração de escravos. Especialmente no regime de habitação, em que o contacto entre europeus e africanos era mais directo do que no regime de plantação, havia desde cedo condições favoráveis a uma crioulação rápida. Cada povoador tinha direito a uma escrava por decreto régio, e as alusões à miscigenação são frequentes nos documentos antigos. As mulheres africanas e os filhos que nasciam dos casamentos e concubinatos com europeus foram oficialmente declarados livres a partir de 1515 e 1517, respectivamente, e rapidamente constituíram uma comunidade com reivindicações e poderes socio-económicos próprios. É plausível que esta comunidade de forros, escravos que recebiam a carta de alforria, com uma identidade própria, tenha estado na origem e consolidação da nova língua que se falava na ilha.⁹ O crioulo ter-se-á rapidamente difundido para as roças, no regime de plantação, tornando-se a língua-alvo dos escravos recém-chegados para efeitos de comunicação.

Embora tudo indique que este crioulo tenha surgido no espaço de décadas após o povoamento efectivo de 1493, a primeira referência histórica que sugere a existência efectiva de uma língua crioula no Golfo da Guiné é bastante posterior, de 1627, altura em que o Padre Sandoval escreve em Cartagena (Colômbia) que “[...] los que llamamos criollos y naturales de San Thomé, con la comunicaci3n que con tan bárbaras naciones han tenido el tiempo que han residido en San Tomé, las entienden casi todas con un género de lenguaje muy corrupto y revesado de la portuguesa que llaman lengua de San Thomé”. Depreende-se que, muito provavelmente, se trata do Santome. Não se conhecem registos escritos nesta língua anteriores ao século XIX, o que é confirmado por uma passagem no livro de Pinheiro da Câmara, de 1766

⁸ No plano académico, esta última língua também é conhecida como Annobone(n)se. Em rigor, esta última não é falada nos espaço geográfico de S. Tomé e Príncipe mas sim na ilha de Annobón, que pertenceu a Portugal até 1778, quando passou para a coroa espanhola.

⁹ A palavra ‘forro’ (*fôlô* em crioulo), o nome alternativo para o Santome, é derivada de ‘(carta de) alforria’, o que parece sustentar esta hipótese.

que afirma que “he de saber que a gente natural destas ilhas tem lingoa sua e completa, com pronuncia labeal, mas de que não me consta haver inscripção alguma (...)”.¹⁰

Tanto quanto pudemos averiguar, Matos (1842) foi o primeiro a identificar formalmente o parentesco entre três das quatro línguas crioulas, afirmando que o Lung’ie é “quasi o mesmo, que o de S. Thomé, ajuntando-lhe maior numero de termos africanos”, ao passo que “o dialecto da Ilha de Anno Bom é o mesmo que o de S. Thomé, mas com uma pronuniação gutural semelhante à dos Arabes”.¹¹ Até há poucas décadas atrás, considerava-se o Angolar uma língua do grupo Bantu em vias de crioulização (Valkhoff 1966), hipótese que nunca foi fundamentada com qualquer evidência empírica.¹² O Angolar apresenta, efectivamente, uma percentagem relativamente elevada de léxico Bantu (Lorenzino 1998; Maurer 1992), que assenta, no entanto, sobre uma estrutura idêntica à dos outros três crioulos. As seguintes palavras de Ferraz resumem bem o cenário linguístico dos primeiros tempos.

This first Creole, the original São Tomense, later changed into four Creoles through geographical separation, and possibly also because of differences which might have existed to some extent in the substratum. (Ferraz 1979: 9)

É, pois, legítimo falar num proto-crioulo do Golfo da Guiné.¹³ A difusão no espaço e no tempo desta proto-língua terá estado na origem dos referidos quatro crioulos:

1. O Santome, a continuação no tempo deste proto-crioulo;
2. O Lung’ie, o crioulo falado na ilha do Príncipe, habitada depois da doação em 1500;

¹⁰ *Apud* Espírito Santo 1998b: 59, nota 1.

¹¹ Esta ‘pronúncia gutural’ ainda hoje existe no Fa d’Ambô onde o [k] dos outros crioulos é realizado como [x].

¹² Esta interpretação tem, no entanto, encontrado eco em diversos autores são-tomenses. Por exemplo, Espírito Santo (1983: 253) afirma que o Angolar é um “[d]ialecto do Umbundo (...)” enquanto Mata (2004: 78) argumenta que “(...) o angolar, dialecto bantu, hoje em fase de avançada crioulização (depois de 1974, com a democratização social, em que os angolares começaram a miscigenar-se com os outros habitantes da ilha) (...)”. Seguindo este raciocínio, se o angolar começou a crioulizar tão recentemente, deveria existir, ainda hoje, provas deste passado recente bantu. Além disso, as diferenças fonéticas entre o Angolar e Santome no que respeita ao léxico comum mostram, em muitos casos, que a relação entre as duas línguas não é recente.

¹³ Uma outra designação usada é ‘pré-creole’ (Schang 2000).

3. O Fa d'Ambô, o crioulo falado na ilha de Ano Bom, doada em 1503 mas que tudo indica ter sido apenas povoada de forma definitiva entre 1543, quando há um pedido de foral¹⁴, e 1565.¹⁵

4. O Angolar, o crioulo falado pela comunidade angolar de S. Tomé, geralmente considerado o resultado da fuga de escravos (e.g. Caldeira 2004; Lorenzino 1998; Seibert 2007).

Convém salientar que, apesar da origem genética comum, a inteligibilidade mútua entre estes crioulos é, hoje, muito reduzida.

4. Breve comparação das quatro línguas crioulas

Esta secção tem por objectivo apresentar algumas semelhanças e diferenças que existem entre os quatro crioulos no sentido de comprovar, respectivamente, a sua origem genética comum e, ao mesmo tempo, as particularidades de cada uma destas línguas. Aliando estes dados aos factos históricos acima esboçados, estamos em posição de estabelecer algumas generalizações sobre a difusão dos crioulos a partir do referido proto-crioulo do Golfo da Guiné.

4.1. O léxico

O léxico dos quatro crioulos é, em grande parte, de origem portuguesa, embora muitas vezes bastante alterado na forma e no significado. Vejamos primeiro alguns vocábulos que têm origem no Português (renascentista).

¹⁴ *Monumenta Missionaria Africana*, Vol. XV, c. 61.

¹⁵ Caldeira (2006).

Quadro 1. Léxico de origem portuguesa.

Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô	Português arcaico	Português moderno
[kuʒi]	[kudi]	[kuʒi]	[kũʒi]	acudir	responder
[zuga]	[zuga]	[ðuga]	[zuga]	jogar	atirar, lançar
[kãdʒa]	[kãdya]	[kãdʒa]	[xãdʒa]	candeia	candeeiro
[kaso]	[kaso]	[kaθo]	[xasolo]	cachorro	cão
[pɔ]	[upa]	[pɔ]	[opa]	pau	árvore, pau

Com base numa contagem da lista de léxico nuclear elaborada para os quatro crioulos do Golfo da Guiné por Graham & Graham (2004), com ligeiras adaptações efectuadas pelo autor deste artigo¹⁶, verifica-se as seguintes percentagens aproximadas de léxico de origem portuguesa.¹⁷

Quadro 2. Percentagem de itens lexicais de origem portuguesa.

Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô
93%	93%	82%	90%

Além disso, uma comparação lexical mostra que aproximadamente 60% do léxico é comum aos quatro crioulos. Esta percentagem sobe para 85% quando se considera o léxico comum a três ou quatro crioulos, sendo mais de 95% comum a dois ou mais destes crioulos, reforçando, uma vez mais, a sua origem comum.

Analisámos também os 25% (85% - 60% no parágrafo anterior) de casos em que um item lexical é comum a três dos crioulos, no sentido de saber em qual dos quatro crioulos ocorre o item lexical que *não* é comum. As percentagens encontram-se no Quadro 3.

Quadro 3. Percentagem de itens exclusivos a um crioulo, comuns nos demais.

Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô
4,8%	4,8%	46,3% (29,2%) ¹⁸	43,9%

Esta percentagem mostra que o Angolar e o Fa d'Ambô são lexicalmente periféricos. No caso do Angolar, a explicação está relacionada com o

¹⁶ Com base no nosso próprio trabalho de campo e conhecimento da bibliografia, acrescentámos ou rectificámos algumas formas. Graham & Graham apresentam dois registos para todos os crioulos menos o Angolar. Para efeitos de comparação, considereei tanto os registos 1 como 2.

¹⁷ Para um dicionário etimológico dos crioulos de S. Tomé e Príncipe, ver Rougé (2004).

¹⁸ O valor entre parênteses indica a percentagem obtida se excluirmos os numerais de quatro a dez na lista de Graham & Graham, uma vez que são todos de origem Kimbundu.

Kimbundu (ver Quadro 5 e discussão); no caso do Fa d'Ambô, uma explicação plausível será o isolamento em que a ilha foi mergulhada historicamente, praticamente sem contacto com S. Tomé depois do século XVI. Por outro lado, as baixas percentagens encontradas para o Santome e o Lung'ie poderão constituir um indício de contacto histórico depois da sua formação e autonomia.

Os números do Quadro 2 acima mostram que há também uma percentagem significativa de vocábulos provenientes das línguas africanas que contribuíram para estes crioulos. A evidência histórica de que certas regiões de África eram proeminentes na exportação de escravos para as ilhas é confirmada pelo léxico de origem africana. Ferraz (1979) demonstra que o Santome apresenta um número significativo de palavras que podem ser atribuídas etimologicamente ao Edo e ao Kikongo (Kk.). Como se demonstra o Quadro 4, este léxico é, nalguns casos, comum aos quatro crioulos.

Quadro 4. Léxico africano.

Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô	Etimologia	Português
[igliu]	[igigu]	[iligo]	[igogu]	Edo <i>iyo yo</i> Agbede <i>igego</i> (Ferraz 1979:97)	fumo
[idu]	[idu]	[iru]	[idu]	Edo <i>iru</i> 'piolho' (Ferraz 1979)	piolho
[obo]	[obo]	[obo]	[ogo]	Edo <i>ógo</i> 'selva' (Ferraz 1979)	selva

A enorme variedade de línguas do continente africano (muitas das quais ainda não foram devidamente descritas), bem como a própria diacronia destas línguas, dificultam sobremaneira a determinação exacta das etimologias. No entanto, com base na lista de Graham & Graham (2004), conclui-se que os itens lexicais de origem africana que ocorrem em dois ou mais dos crioulos são normalmente de origem Edo ou muito semelhantes a esta língua, pondo a descoberto o estrato africano mais antigo. É ainda de realçar que, em matéria do léxico africano, o Lung'ie e o Angolar são, de certa forma, extremos, uma vez que o Lung'ie possui quase exclusivamente léxico africano de origem Edo (Maurer, no prelo), ao passo que o léxico africano do Angolar é quase exclusivamente de origem Kimbundu (Lorenzino 1998; Maurer 1992, 1995), o que explica em grande parte os 82% no Quadro 2 acima. O Quadro 5 contém alguns exemplos desta especificidade do Angolar.

Quadro 5. A especificidade lexical do Angolar.

Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô	Etimologia	Português
[õte]	[õtʃi]	[maθɔ]	[õte]	Ptg. ontem Kb. <i>maza</i>	Ontem
[omali]	[umwe]	[miõga]	[omali]	Ptg. mar ? Kb. <i>kalunga</i>	Mar
[nwa]	[ũnwa]	[mbezi]	[ɔna]	Ptg. lua Kb. <i>mbeji</i>	Lua
[piʃi]	[peʃi]	[kikie]	[piʃi]	Ptg. peixe Kb. <i>kikele</i>	Peixe

Se no caso do léxico Edo no Lung'ie há diversas correspondências com os demais crioulos, já no caso do Angolar o léxico Kimbundu é exclusivo a este crioulo, o que revela a antiguidade do estrato Edo e o impacto exclusivo do Kimbundu no Angolar.

4.2. Aspectos fonológicos

Esta secção centra-se sobretudo nalgumas particularidades do Lung'ie. Além de este ser o crioulo que reteve mais léxico Edo, também conservou melhor um conjunto de traços que o aproxima desta língua e o afasta das línguas Bantu ocidentais. O exemplo mais claro é o da oclusiva velar /gb/ (Ferraz 1975). O Quadro 6 mostra que estas oclusivas só foram retidas no Lung'ie.

Quadro 6. Oclusivas velares.

Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô	Etimologia	Português.
[kwali]	[ugβɛri]	([ðõnge])	[okwali]	?	cesto
[ubwa]	[ugβa]	[ubwa]	?	Edo <i>ogba</i> 'cerca'	cerca, curral
[ubwe]	[igβe]	[õge]	[oge]	Edo <i>egbe</i> 'corpo'	corpo

Este fonema tipologicamente marcado é inexistente no grupo Bantu e constitui uma particularidade da zona linguística em que se insere o Edo, o que, de resto, está patente nas etimologias. Dos exemplos conclui-se que apenas o Lung'ie teve condições linguísticas de preservar este som, que nos demais crioulos deu origem aos labiais /bw/ e /kw/. A explicação para esta diferença reside plausivelmente na chegada maciça de falantes de línguas Bantu à ilha de S. Tomé, na fase de plantação, que não tinham condições linguísticas para conservar a oclusiva velar por esta não fazer parte do seu inventário fonético.

Ainda no plano fonológico, podemos verificar que o Lung'ie possui vibrantes simples. Estas são fonológicas em Edo (e em Português), mas atípicas nos demais crioulos e em Bantu, como se pode observar no Quadro 7.

Quadro 7. Realização da vibrante simples portuguesa nos crioulos do Golfo das Guiné.

Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô	Etimologia
[kula]	[kura]	[kula]	[kula]	curar
[ale]	[are]	[ale]	[ale]	rei
[lɛmu]	[urɛmu]	[lɛmu]	[ulɛmu]	remo

O Quadro 8 mostra que o Lung'ie também se destaca pelo grande número de substantivos que na etimologia se iniciam por uma consoante, mas que receberam uma vogal protética.¹⁹

Quadro 8. Vogais protéticas.

Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô	Português.
[vĩ]	[ivĩ]	[vi]	[vi]	vinho
[budu]	[ubudu]	[buru]	[budu]	pedra
[boka]	[ubuka]	[boka]	[boxa]	boca

Estas vogais existem em muito menor número nos demais crioulos e sugerem, mais uma vez, a importância do substrato Edo, que possui uma regra fonológica segundo a qual todos os substantivos devem começar por uma vogal (Agheyisi 1990: 29).

4.3. Aspectos sintáticos

Apesar do património comum, os dados das secções anteriores sugerem realidades linguísticas ligeiramente diferenciadas para cada um dos crioulos. Na secção que se segue, sobre a sintaxe, discutimos alguns aspectos que corroboram a origem comum destas línguas mas também, e talvez mais importante, que, aquando da difusão para os diferentes espaços, o proto-crioulo do Golfo da Guiné já deveria ser um sistema linguístico relativamente estável.

4.3.1. A negação frásica

¹⁹ Para um estudo mais exaustivo deste fenómeno, remetemos o leitor para Hagemeijer (a publicar) e Ladhams (a publicar). O número de itens lexicais nesta situação ronda, neste momento, os 90.

À exceção do Lung'ie, os crioulos do Golfo da Guiné apresentam um padrão descontínuo de negação frásica, composta por duas partículas, uma das quais se encontra em posição pré-verbal e a outra em final de oração/frase. Esta construção é ilustrada no seguinte exemplo do Santome.

- (1) *Sun na bila lembla ngê ku sa mosu fa.*
 senhor não voltar lembrar pessoa que ser rapaz não
 'Ele não se lembrou quem era o rapaz.'

Este padrão de negação é marcado nas línguas do mundo (Kahrel 1996) e raro nas línguas crioulas em geral. O Quadro 9 evidencia que, apesar de algumas diferenças entre as línguas, podemos reconstituir uma origem comum desta negação.

Quadro 9. Marcadores de negação frásica nos crioulos do Golfo da Guiné.²⁰

	Santome	Lung'ie	Angolar	Fa d'Ambô
-enfático	na ... fa	... fa	(a ~ na) ... wa ~ va	na ... f
+enfático	na ... fô	... fa ô	(na) ... fô	na ... fa / na ... fuf

Apesar de a negação canónica em Lung'ie não ter o *na* preverbal que caracteriza os demais crioulos do Golfo da Guiné, esta marca aparece em contextos muito específicos, sem o *fa* final, como mostra o exemplo (2a) de uma oração final introduzida por *pa* 'para (que)'. Os exemplos do Angolar e do Fa d'Ambô servem para mostrar que, nos demais crioulos, orações finais também não apresentam, tipicamente, a marca final, o que reforça a tese de uma origem comum.

- (3) a. Lung'ie (Günther 1973: 78)
pa txi na kuda...
 para 2SG não pensar
 'para que não penses ...'
- b. Angolar (Maurer 1995: 132)
... pa ê na nana.
 ... para 3SG não estragar
 '... para que não se estragasse.'

²⁰ Quadro retirado de Hagemeyer (2003: 153).

- c. Fa d'Ambô (Post 1997: 308)
... *pa batelu na fo buka.*
... para batelau não ir virar
'... para que a canoa não virasse.'
- d. Santome (Hagemeijer 2003: 159)
N fuji fala pa fala na lêlê mu.
1SG fugir falar para falar não seguir me
'Fugi dos boatos para os boatos não me seguirem.'

Estes padrões de negação e as suas possíveis origens foram detalhadamente estudados em Hagemeijer (2003, 2007).

4.3.2. Construções de verbos seriais

Outra propriedade comum aos quatro crioulos do Golfo da Guiné são os chamados verbos seriais. Estas construções caracterizam-se, grosso modo, por serem sequências de verbos que expressam uma única acção. Nas línguas europeias, estas sequências traduzem-se geralmente em estruturas de verbo e preposição ou advérbio.

- (3) Santome
Toma ope bi lêlê mu.
tomar pé vir acompanhar me
'Vem a mim pelos teus pés.'
- (4) Fa d'Ambô (Post 1992:157)
Wan namin zuga wan budu ba zinal.
Uma criança atirar uma pedra ir janela
'Uma criança atirou uma pedra à janela.'
- (5) Angolar (Maurer 1995: 109)
A бага кампу е та.
IMP destruir campo DEM atirar
'O campo ficou completamente destruído.'

Estas construções são muito produtivas nos quatro crioulos do Golfo da Guiné (Hagemeijer 2000, 2001; Hagemeijer & Ogie a publicar; Maurer 1995, 1999, no prelo; Post 1992). Maurer (1999) foi o primeiro a fazer um estudo

comparativo sobre as construções seriais locativas nos três crioulos de S. Tomé e Príncipe. Os exemplos fornecidos por este autor mostram a afinidade existente entre os crioulos do Golfo da Guiné.

- (6) a. Ê *saya kanwa pê matu.* (Santome)
 b. Ê *saa kanwa pwê umatu.* (Lung'ie)
 c. Ê *thaa kanua pê matu.* (Angolar)
 ele puxar canoa pôr mato
 'Ele puxou a canoa para o mato.'

Um estudo comparativo de McWhorter (1992) conclui que as construções de verbos seriais só ocorrem naquelas línguas crioulas que têm línguas (africanas) de substrato que também apresentam serialização. Quando não existem construções seriais nas línguas de substrato, um crioulo tipicamente não terá estas construções. Se assumirmos a tese substratista deste autor, constatamos que a serialização é evidência importante para determinar as origens dos crioulos do Golfo da Guiné. No continente africano, apenas um conjunto restrito de línguas apresenta construções seriais do tipo encontrado nas línguas crioulas, do qual faz parte o Edo, contrariamente às línguas do grupo Bantu. De facto, um estudo detalhado de Hagemeyer & Ogie (a publicar) confirma o elevado grau de semelhança entre as construções seriais do Edo e do Santome.

4.3.3. Reflexivização

Os crioulos do Golfo da Guiné possuem várias estratégias de reflexivização. Uma dessas estratégias utiliza a palavra crioula para 'corpo' para dar uma leitura reflexiva, senão vejamos:

- (7) Santome
So n ga kaza ubwê mu.
 então eu HAB casar corpo meu
 'Então vou casar-me.'

- (8) Angolar (Maurer 1995: 145)
Ê mata ôngê rê
 ele matar corpo dele
 'Ele suicidou-se.'

Esta estratégia de reflexivização não se encontra nas línguas Bantu mas constitui uma característica areal da região em que o Edo se insere. Os crioulos do Golfo da Guiné distinguem-se ainda de outras línguas crioulas pelo facto de a etimologia da palavra para ‘corpo’ ser de origem Edo (ver Quadro 6). Em outras línguas crioulas, a mesma estratégia existe, mas aí a palavra para ‘corpo’ deriva sempre de uma língua europeia.²¹ Trata-se, portanto, de uma clara importação do substrato, o que é ainda mais patente tendo em conta a conservação da referida oclusiva velar /gb/ em Lung’ie.

Quadro 10. Pronomes de terceira pessoa do plural e marcadores de plural.

Santome	Lung’ie	Ngola	Fa d’Ambô	Português
[ině, ine, ne]	[inɛ, ina, ině]	[ene, ane]	[eně], [nã, ně] ²²	eles, os/as

Embora sejam necessários estudos adicionais sobre a etimologia destas formas, a terceira pessoa do plural em Edo, *iran*, é um forte candidato, mas não é de excluir também o pronome demonstrativo *ene/enena*, ‘estes/estas’ desta mesma língua (cf. Agheyisi 1986, 1990; Melzian 1937).

Há ainda um outro pronome de origem Edo no sistema pronominal dos crioulos do Golfo da Guiné, designadamente o pronome *a*, que existe nos quatro crioulos (Lorenzino 1996b, Hagemeyer 2007). Numa das interpretações, *a* transmite uma leitura impessoal (cf. Francês *on*).

(9) Lung’ie (Günther 1973: 126)

A sa kunfya na mye fa.
 IMP HAB confiar na mulher não
 ‘Não se deve confiar nas mulheres.’

Como se observa, o domínio pronominal também nos remete para uma origem comum.

²¹ O crioulo de Haiti, por exemplo, adoptou a forma *kor* do francês *corps* para a reflexivização.

²² A situação no Fa d’Ambô parece ser distinta dos demais crioulos. Segundo Zamora (ms.), [eně] é o pronome de 3p/pl. Para pluralizar, existem as outras duas formas, [nã] ocorre em posição pré-verbal para pluralizar itens [+HUM], enquanto [ně] ocorre em posição pré-verbal, aparentemente para itens [-HUM].

5. Interpretação dos dados linguísticos

A pequena amostra de dados linguísticos apresentados na secção 4 vem comprovar que os crioulos do Golfo da Guiné têm uma origem comum numa única língua de contacto surgida em S. Tomé, a qual designamos de proto-crioulo do Golfo da Guiné.

A breve incursão na sintaxe não só mostra que os crioulos do Golfo da Guiné têm essencialmente a mesma estrutura mas também que as estratégias sintácticas se inclinam, em geral, para estratégias que também estão disponíveis no substrato Edo e não no Bantu.

Do ponto de vista do léxico e da fonologia, verificámos que o Lung'ie é o crioulo do Golfo da Guiné que tem mais léxico de origem Edo e melhor conservou algumas características fonológicas que são exclusivas da área onde o Edo é falado. O Angolar, por outro lado, distingue-se dos demais crioulos pelo facto de apresentar uma percentagem muito elevada de léxico Kimbundu, mas também uma pequena percentagem de léxico de origem Edo. A esse respeito, Lorenzino (1998) refere que, tipicamente, este léxico Edo do Angolar também se encontra nos outros crioulos do Golfo da Guiné, ou seja, representa um estrato antigo do Angolar.²³

Com base na informação linguística, conclui-se, portanto, que o proto-crioulo do Golfo da Guiné é uma língua que resulta predominantemente do contacto entre o Português e o Edo (ou línguas do grupo alargado do Edóide). Ao que tudo indica, o papel do Kikongo e do Kimbundu é posterior, tendo afectado sobretudo o léxico e a fonologia, mas também, em muito menor grau, a estrutura do proto-crioulo do Golfo da Guiné. Estamos, pois, perante um cenário em que os factos históricos encaixam nos factos linguísticos e vice-versa. A predominância dos escravos do Reino de Benim na fase da habitação reflecte-se numa estrutura linguística predominantemente do tipo Edo.

A formação de uma nova língua em S. Tomé terá sido, pois, muito rápida, tendo-se circunscrito sobretudo à fase de habitação, com um efeito fundador para o contacto linguístico entre o português e uma língua africana predominante. O impacto dos escravos falantes de línguas Bantu só se dá numa segunda fase, que coincide com a fase de plantação.

O que é hoje o Lung'ie terá sido a língua levada para a ilha do Príncipe no início do século XVI. O maior impacto do Edo em detrimento do Bantu

²³ Alguns exemplos desse léxico Edo no Angolar são *biê* 'cozer', *bôbô* 'carregar um bebé às costas', *ôbô* 'floresta', *nhe* 'fazer pressão' e *ngolo* 'procurar'. (cf. Glossário em Maurer 1995).

sugere que esta língua se isolou relativamente cedo, quando o afluxo de escravos de zonas Bantu a S. Tomé ainda não era tão significativo. Os dados sugerem ainda que, passada a fase inicial, o impacto de escravos de origem Bantu terá sido limitado, possivelmente porque o ciclo do açúcar se desenvolve sobretudo na ilha de S. Tomé. Além disso, é de referir que, pelo menos de 1514 a 1518, os escravos do delta do Níger eram importados directamente para o Príncipe, sem que a ilha de S. Tomé funcionasse como intermediário.

Tal como a ilha do Príncipe, a ilha de Ano Bom foi também povoada de forma definitiva a partir de S. Tomé e por gentes de S. Tomé, em meados do século XVI, portanto numa fase em que o proto-crioulo do Golfo da Guiné já se teria desenvolvido mais do que na altura do isolamento do Lung'ie. Por outras palavras, o Fa d'Ambô está em condições de reflectir, como sugerem os dados, um maior impacto do substrato Bantu.

O Santome e o Angolar constituem um caso especial pelo facto de serem dois crioulos que coexistem na mesma ilha. Não se sabe ao certo qual terá sido o contacto entre estas duas línguas no decurso da história, especialmente depois da pacificação de 1693 entre os Angolares e o resto da ilha. Já sublinhámos que, destes dois crioulos, o Angolar é mais marcadamente Bantu, em especial devido à componente lexical de origem Kimbundu, que não se encontra no Santome. Em termos de estrutura, trata-se, no entanto, de duas línguas muito semelhantes. A hipótese que tem conquistado cada vez mais adeptos (e.g. Caldeira 2004; Lorenzino 1998, Seibert 2007) é a de que os Angolares são a descendência de escravos fugidos das roças, um fenómeno que está documentado desde o início do povoamento e que se intensificou no século XVI com a introdução do duro sistema de plantação. Sabe-se que, a partir da década de 1530, Angola se torna cada vez mais importante como área de resgate. Num documento de 1532, por exemplo, o Rei do Congo, que queria a exclusividade do comércio de escravos, mostrou-se escandalizado com o resgate que se fazia em Angola.²⁴ Por isso, tudo leva a crer que a uma comunidade já existente de escravos fugidos, que tinham como veículo de comunicação o proto-crioulo do Golfo da Guiné, se tenha juntado uma grande quantidade de escravos fugitivos naturais de Angola. Este impacto traduz-se na relexificação parcial pelo Kimbundu (Lorenzino 1998), sem causar, porém, alterações substanciais na estrutura da língua. Nestas condições, o Kimbundu não deve ser considerado uma língua de substrato, um papel reservado ao Edo, mas sim uma língua de

²⁴ *Monumenta Missionaria Africana*, Vol. II, carta 7.

adstrato, sem efeito fundador. Passado o período formativo, tudo indica que os quatro crioulos do Golfo da Guiné tenham estabilizado ainda durante o século XVI.

6. As línguas dos contratados

Se a criouliização acima referida está intimamente ligada à cultura açucareira seiscentista, já a introdução da cultura do cacau e do café, a partir de meados do século XIX, traz consigo novos caminhos linguísticos. Tal como na fase que se seguiu ao povoamento, S. Tomé conheceu um novo *boom* populacional, com o advento dos contratados de diferentes origens ultramarinas: maioritariamente de Cabo Verde, Angola e Moçambique, mas também de Benim (forte de S. João Baptista de Ajudá, no antigo Dahomey), do Gabão, dos Camarões, da Serra Leoa e da Libéria.²⁵ Não sendo estes contratados falantes (nativos) do Português, chegaram com eles as respectivas línguas de origem, entre as quais destacamos o crioulo de Cabo Verde e dialectos do Kimbundu e do Umbundu (Angola). O crioulo de Cabo Verde, em especial, teve uma forte implantação e é hoje falado um pouco por todo o arquipélago, sendo a língua dominante em diversas roças e na ilha do Príncipe. Não existem ainda estudos sobre as particularidades desta língua no espaço geográfico de S. Tomé e Príncipe. Ao contrário do crioulo de Cabo Verde, as línguas do continente africano tendem a desaparecer rapidamente das ilhas, porque muitas vezes não houve transmissão de geração em geração. Os contratados cabo-verdianos tiveram melhores condições para preservar a sua língua materna, porque esta era relativamente homogénea, se tivermos em conta, por exemplo, a diversidade de línguas de Angola ou Moçambique. Além disso, os contratados cabo-verdianos vinham mais frequentemente em família, e houve muito mais casos de repatriamento de serviçais angolanos e moçambicanos.

Ainda assim, a predominância de falantes do Kimbundu e do Umbundu em algumas roças levou ao surgimento de uma língua de contacto chamada Português dos Tongas (Rougé 1992; Baxter 2002, 2004). A palavra Tonga designa os descendentes dos contratados, cuja primeira geração começou a aprender o Português falado nas roças, para fins de comunicação.

²⁵ As línguas crioulas são a testemunha viva destas proveniências, com expressões como *gabon/gaban*, *zuda* ou *tonga*, embora os respectivos significados já não correspondem literalmente a essas proveniências.

Não se tratava de um Português normativo, mas sim de um Português reestruturado com traços das línguas maternas africanas e do Português de S. Tomé (ver secção 7) que passou a ser a língua materna de novas gerações já nascidas em S. Tomé. O seguinte exemplo do Português dos Tongas de Monte Café é de Baxter (2002: 23):

- (10) *Elé ni Angola é febere, quando chegô aqui elé pariu ami, cabô, nã pariu mase, mase.*
 ‘Ele (,?) em Angola era febre, quando chegou aqui ela pariu-me. Depois não pariu mais.’

Uma vez que a utilização do Português dos Tongas se confinava essencialmente às senzalas de roças como Água Ize, Monte Café, e Agostinho Neto (Rougé 1992), não se trata de uma única língua homogénea, mas antes de um conjunto de línguas sensíveis às particularidades de cada roça. Só a partir dos anos 50 do século passado, e especialmente a partir da independência, é que os Tongas começaram a ter maior liberdade de movimentação e acesso à educação. Consequentemente, o Português dos Tongas tende a aproximar-se mais e fundir-se com o Português (de S. Tomé) (Baxter 2002). Devido, em parte, à dispersão e à variação assinaladas, estas variedades de Português estão condenadas a desaparecer sem deixar marcas.

7. O Português e as línguas crioulas

Pelo que antecede, é fácil perceber que as ilhas vivem actualmente uma situação de multilinguismo. Basta analisar os dados estatísticos para perceber que a maioria da população sabe falar duas ou até mais línguas. O Quadro 11 resume alguns dados obtidos no censo do Instituto Nacional de Estatística de S. Tomé e Príncipe, nos anos de 1991 e de 2001.

Quadro 11. Dados sobre as línguas faladas - censos de 1991 e de 2001 – da população com mais de 5 anos.

	Pessoas > 5 anos	Português	Santome	Lung'ie	Outras línguas
1991	-	99,8%	73,5%	1,6%	13,4%
2001	137,599	98,9%	72,4%	2,4%	12,8%

Os censos não explicitam se estas línguas são utilizadas como L1 ou L2 (o que não será fácil de determinar) e qual é o grau de bilinguismo.

Curiosamente, o Angolar, o Caboverdiano e o Português Tonga não foram incluídos nos censos e poderão eventualmente integrar a categoria “outras línguas”. Lorenzino (1998) estima o número de falantes do Angolar em 5,3 %, com base nas áreas predominantemente angolares do sudeste e do oeste, como por exemplo S. João dos Angolares, Ribeira Peixe e Santa Catarina, sugerindo, no entanto, que este número poderá ser superior, visto que hoje em dia os angolares se encontram um pouco por toda zona costeira da ilha de S. Tomé. Enquanto os falantes (nativos) do Santome não são, em geral, falantes do Angolar ou do Lung’ie, os falantes das duas últimas muitas vezes dominam, em maior ou menor grau, o Santome. O número de falantes do Fa d'Ambô, por fim, é estimado em cerca de 4.000 falantes, dos quais a metade reside em Ano Bom e a outra metade na ilha de Bioko (Post 1998).

O Português é a língua mais falada, uma tendência que actualmente parece estar a intensificar-se em detrimento das línguas crioulas autóctones. Se, no passado, o mundo português e o mundo crioulo se encontravam num contexto de diglossia clássica, favorável à manutenção dos crioulos, a independência alterou o rumo dos acontecimentos. A maior mobilidade social, à qual não é alheio o fenómeno da emigração, o acesso generalizado ao ensino e aos meios de comunicação na língua oficial, a ausência de políticas orientadas para as línguas crioulas, assim remetidas à informalidade e à oralidade, são factores que têm desfavorecido cada vez mais as línguas minoritárias das ilhas. O censo de 2001 referente à língua falada por grupo etário mostra, por exemplo, que entre os jovens com menos de 20 anos há uma quebra acentuada do número de falantes que alega falar o Santome.

Embora o Português, a língua oficial e de prestígio em S. Tomé e Príncipe, siga oficialmente a norma do Português europeu, existem, na prática, diversos registos de Português, uns próximos dessa norma, outros com maior ou menor grau de influência dos crioulos (Afonso 2008; Lorenzino 1996a), muitas vezes determinado por factores tais como o nível de escolaridade, nível económico e o ambiente de inserção social (urbano/rural). Esta variação reflecte o conflito entre a norma oficial e a prática local e um passado recente em que o português era L2 para a maioria dos habitantes das ilhas.

A influência do Português nos crioulos, especialmente o Santome, é sobretudo de natureza lexical e menos palpável a nível da gramática. É comum ouvirem-se expressões como *prêndê* ‘aprender’ em vez de *xina* ‘aprender, ensinar’, *mistura* ‘misturar’ para *wuxi, di repenti* ‘de repente’ em vez de *n’ômê d’ola* (lit: no meio da hora). Muito mais significativo é, no entanto, o impacto do Santome no Português porque, além de influência

lexical, a gramática do crioulo penetra a língua oficial a todos os níveis (e.g. Afonso 2008). Em vez de existir uma diglossia ‘exemplar’ entre os crioulos, por um lado, e o português, por outro, esta parece estar a fundir-se no Português local. Os exemplos que se seguem são sobretudo de natureza sintáctica e, diga-se, típicos de um registo mais popular, mostrando transferência da sintaxe do crioulo (Santome) para o Português.:

- (11) *Dôlô bega ku n sa ku ê* (Santome)
dor barriga que eu ser com ele (glosa)
‘As dores de barriga que tenho.’ (Português normativo)
‘Dor de barriga que eu estou com ele.’ (Português de S. Tomé)
- (12) *N kia ku dona mu*
eu criar com avó minha
‘Fui criado pela minha avó.’
‘Eu criei com a minha avó.’
- (13) *Ê tlabá vida dê.*
ele trabalhar vida dele
‘Ele construiu a sua própria vida.’
‘Ele trabalhou vida dele.’
- (14) *N kume dêntxi*
eu comer dente
‘Zanguei-me.’
‘Eu comi dente.’

Por fim, face à situação linguística de S. Tomé e Príncipe, este será o único país da África de língua portuguesa onde a maioria da população tem actualmente o Português como primeira língua, havendo, assim, condições para a emergência de uma nova variedade.

8. As línguas crioulas na sociedade

Contrariamente ao que se verifica em outras sociedade crioulas, por exemplo nas Caraíbas, as línguas crioulas faladas em S. Tomé e Príncipe não têm o estatuto de língua oficial, não possuem uma ortografia oficial e estão excluídas do sistema educativo. No entanto, a rádio e a televisão dedicam, actualmente,

algum espaço de antena ao Santome, ao Lung'ie e ao crioulo de Cabo Verde. O Português é utilizado para relações formais e informais, enquanto as línguas locais se restringem a meios exclusivamente informais. Conforme observa Mata (1998), um dos meios directos mais importantes – embora insuficiente – para manter viva a chama dos crioulos é a música cantada nessas línguas, o que funciona particularmente bem para o Santome.

Embora o uso de palavras ou expressões crioulas na literatura são-tomense em Português seja recorrente, são muito escassos os textos escritos nestas línguas. Um dos primeiros autores a escrever em Santome foi Francisco Stockler (1834-1881), nascido em S. Tomé mas descendente de uma família da Bahia. A seguinte quadra é um auto-retrato crítico, escrito na prisão.²⁶

<i>Sun Faxiku Stoklê</i>	O Sr. Francisco Stockler
<i>Toma kadja fe losa dê</i>	Fez da cadeia a sua roça,
<i>Ximya bana, ximya kafe</i>	Semeou bananas e café,
<i>Fotxi soku sa di padêsê.</i>	Mas só é rico em sofrimentos.

O próprio capítulo *O dialecto de S. Thomé*²⁷ da memorável *Historia Ethnographica da ilha de S. Tomé*, de José Almada Negreiros, onde se encontra também esta quadra, é um importante marco na história do Santome, porque, pela primeira vez, há uma tentativa de dar a conhecer aspectos gramaticais e culturais do crioulo. Antes de Negreiros, os crioulos do Golfo da Guiné já tinham despertado o interesse dos ‘crioulistas’ pioneiros Hugo Schuchardt (1882, 1888, 1889) e Adolfo Coelho (1880-1886).

De entre a produção em crioulo, nomeadamente em Santome, do século passado, destacam-se os textos de Francisco de Jesus Bonfim, mais conhecido como Faxiku Bêbêzawa. Colaborou originalmente com o jornal *A Liberdade*, no início dos anos 20, mas ganhou sobretudo notoriedade como panfletista no período de governação de Carlos de Sousa Gorgulho (1945-1953). Além de jornalista, consta que Bonfim desempenhou diversos cargos

²⁶ A ortografia do crioulo foi adaptada. A quadra e a tradução foram extraídas de Negreiros (1895: 318). Todavia, o que Negreiros designa de ‘tradução literal’ apresenta alguns problemas, em especial a tradução de *kadja* por ‘cadeira’, em vez de ‘cadeia’, o que parece ser um erro tipográfico. Além disso, parece haver um jogo de palavras pelo facto de *fotxi* também significar ‘forte, prisão’. Assim, o último verso pode ser interpretado como ‘A prisão é que é o lugar do padecimento’. Note-se ainda que *kadja* era o edifício penitenciário, enquanto *fotxi* se refere à ao Forte de S. Sebastião, que na altura também funcionava como prisão.

²⁷ Note-se que o termo “dialecto” ainda hoje é utilizado em S. Tomé para designar o Santome. No projecto colonial português, as línguas que não o Português eram geralmente rotuladas com este termo, ex. os dialectos de Angola, i.e. o Kimbundu, Umbundu, etc.

na função pública e foi secretário no palácio do governo, onde terá estado bem informado sobre os planos e métodos do governador, que procurava angariar à força mão-de-obra para trabalhar nas obras públicas.²⁸

Ainda hoje é controverso o papel de Bonfim no universo são-tomense, e os panfletos são um reflexo disso mesmo. O apoio a Gorgulho e ao regime colonial que transparece superficialmente dos panfletos poderá não passar, afinal, de uma camuflagem para denunciar os planos e métodos do governador. A título exemplificativo, vejamos um trecho de um dos panfletos:

*Ngê ku ka viza ngê sa migu dê... soku manda non ska fada Pôvô, ya Sun Govenadô bili silivisu di tudu kasta; sun manda sama tudu mina di sun ku kôlê, pa bi tlabá, nganha djêlu, sosegadu, sê lusga, sê pankada!*²⁹

[Quem avisa amigo é... Por isso, estamos a informar o Povo de que o Sr. Governador criou empregos de todo o tipo; ele manda chamar todos os seus “filhos” que fugiram, para que venham trabalhar, ganhar dinheiro, em paz, sem rugas, sem pancadaria.]

A própria história encarregou-se de desmistificar que, na realidade, este tom apaziguante escondia uma paz podre. Além do conteúdo aparentemente irónico e metafórico, joga também a favor do tom denunciatório o próprio facto de os panfletos terem sido escritos numa língua que o regime colonial não dominava e procurou banir. Provavelmente, também não é obra do acaso que o panfleto com o trecho acima se intitule *Bêndê lêpêndê, koplá lepala!* ‘Vendam o arrependimento, comprem a atenção!’, e que todos os panfletos fossem assinados com *Lêdê d’alami sa n’awa* ‘A rede de arame está na água / as águas estão armadilhadas’. Cerca de um ano antes do massacre de 1953, Bonfim foi denunciado e internado sob o pretexto de doença mental, tendo morrido em Fevereiro de 1953, em circunstâncias que nunca chegaram a ser esclarecidas (Alcântara ms.).

Os panfletos de Bêbêzawa e os raríssimos outros escritos desde o século XIX são, no entanto, excepções ao estatuto essencialmente oral destas línguas. Alguns anos antes da independência, começaram a aparecer os primeiros cadernos com letras e ritmos musicais (rumbas, puxas, sokopes, uswas, merengues, etc.) em Santome, que resultaram de um concurso para conjuntos musicais promovido pelo Governo da Província. Esta tradição, muitas vezes de conteúdo politizado, foi continuada nos anos pós-independência, por conjuntos ou ranchos folclóricos como Sangazuza, África

²⁸ Dados retirados da breve biografia escrita por Alcântara (ms.).

²⁹ Ortografia adaptada.

Negra, Trindadense, Leonenses, Templa Seku, Coimbra Nova, Conjunto Mindelo, Untués, Almenses ou Agrupamento da Ilha. O mais produtivo compositor dessa época, Gete Rita, escreveu também uma colectânea de poesia tradicional na Colecção *Tela Non* 'Nossa Terra', em 1978. Transcrevemos, de seguida, uma rumba em Santome por Gete Rita, interpretado pelos Sangazuza, um dos grupos mais emblemáticos no panorama musical são-tomense das últimas décadas.

<i>Dwêntxi sa kama nfelumu</i>	O doente está em estado grave
<i>Nê ngê sêbê dê</i>	Sem que dele alguém cuide
<i>Non sa ni djêlu ska gwada</i>	Estamos a cortar nos gastos
<i>Pa dja nozadu dê</i>	Para o dia do velório
<i>Kuma ku dwêntxi ka yogo?</i>	Pode o doente melhorar?
<i>Kega ka pasa kanwa</i>	Se à canoa a carga pesa,
<i>Ê ka nda ku xinta n'awa</i>	ela navega com a cinta na água.
<i>Xi mina tlabá zuda pe dê</i>	O filho que labuta com seu pai
<i>Sa ê ska gwada likêza leda</i>	Está na mira da herança
<i>Bila paga masada kia an</i>	E a testemunhar gratidão
<i>Bamu zunta koplá minjan</i>	Juntemo-nos, busquemos os
	remédios
<i>Pa a pya xi dwêntxi ka yogo.</i>	A ver se o doente melhora.

Outras publicações em Santome (e Português) incluem *Paga Ngunu*, uma colectânea de poesia, de Amadeu Quintas da Graça, diversos textos litúrgicos de Padre Leonel, *Semplu* (provérbios) de Olinto Daio, e *Aguêde Zô Vêssu* e *Coroa do Mar* da autoria de Carlos Espírito Santo. Esta última obra inclui um variado leque de amostras da cultura crioula oral.³⁰

9. Considerações finais

³⁰ Nos “géneros” mais conhecidos em Santome incluem-se os *soya*, contos tradicionais ou fábulas que são sempre contados com grande rigor, por exemplo nas noites de nojo, os *kontaji*, histórias do dia-a-dia, os *semplu* ‘máximas’, os *agêdê* ‘adivinhas’ e os *vesu* ‘letras de músicas, versos’. No Lung’ie, os *soya* são designados *swa-swa* e as adivinhas e provérbios *pyada* (Günther 1973). Há ainda os chamados *fundu*, contos sobre determinadas pessoas (Mata 1998). No Angolar, os *soya* pronunciam-se *thoya*.

Discutimos, de forma panorâmica, o presente e o passado da situação linguística de S. Tomé e Príncipe, com destaque para a formação dos crioulos autóctones no século XVI. Apesar de constituírem um património linguístico-cultural único, resultante do contacto entre as línguas e culturas do continente africano, por um lado, e a língua e cultura portuguesas, por outro, há claros indícios de que, face à hegemonia do Português, o seu futuro deve ser encarado com grande preocupação. Apenas uma verdadeira política linguística e vontade popular poderão contribuir para a manutenção destas línguas.

Bibliografia

- Afonso, Beatriz. 2008. *A problemática do bilinguismo e ensino da língua portuguesa em S. Tomé e Príncipe*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, dissertação de Mestrado.
- Agheysi, Rebecca N. 1986. *An Edo-English dictionary*. Benin City: Ethiope Publishing Corporation.
- Agheysi, Rebecca N. 1990. *A grammar of Edo*. Unesco.
- Alcântara, C. ms. A verdadeira face de Faxiku Bêbêzawa.
- Almeida Mendes, António. 2008. Les réseaux de la traite ibérique dans l'Atlantique nord: Aux origines de la traite atlantique (1440-1640). *Les Annales. Histoire, Sciences sociales* 4. 739-768.
- Baxter, Alan Norman 2002. Semicreolization? The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics* 1. 7-39.
- Baxter, Alan Norman. 2004. The development of variable NP plural agreement in a restructured African variety of Portuguese. In Geneviève Escure & Armin Schwegler (eds.), *Creoles, contact and language change: Linguistics and social implications*, 97-126. Amsterdam: John Benjamins.
- Bonfim, Francisco de Jesus. *A liberdade* II (25, 26), III (28).
- Bonfim, Francisco de Jesus. [panfletos não publicados, 1940/1950]
- Brásio, António. *Monumenta missionaria africana*, vols. I (1952) e II (1953), Lisboa: Agência Geral do Ultramar; Vol. XV (1988), Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- Caldeira, Arlindo. 2004. Rebelião e outras formas de resistência à escravatura na ilha de São Tomé (sécs. XVI-XVIII). *Africana Studia* 7. 101-136.
- Caldeira, Arlindo. 2006. Uma ilha quase desconhecida. Notas para a história de Ano Bom. *Studia Africana – Revista Interuniversitária d'Estudis Africans* 17. 99-109.
- Coelho, Adolfo. 1880-1886. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In Jorge Morais Barbosa (ed.) [1967], *Crioulos*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa.
- Daio, Olinto. 2002. *Semplu*. S. Tomé: Edições Gesmédia.
- Espírito Santo, Carlos 1979. *Aguêdê zô vessu*. Edição do autor.
- Espírito Santo, Carlos. 1985. Situação actual da língua portuguesa nas ilhas de S. Tomé e Príncipe. In *Actas do congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*. Lisboa: ICALP.
- Espírito Santo, Carlos. 1998a. *Coroa do mar*. Lisboa: Cooperação.

- Espírito Santo, Carlos. 1998b. O crioulo forro: Artigos, substantivos e adjetivos. *Revista Camões* 1. 54-59.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1979. *The creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1975. African influences on Principense Creole. In Marius F. Valkhoff (org.), *Miscelânea luso-africana: Colectânea de estudos*, 153-64. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Ferraz, Luiz Ivens. 1974. A linguistic appraisal of Angolar. In *Memoriam Antonio Jorge Dias*, vol. 2, 177-186. Lisbon: Instituto De Alta Cultura/Junta de Investigações do Ultramar.
- Garfield, Robert. 1992. *A history of São Tomé island: 1470-1655. The key to Guinea*. San Francisco: Mellen Research University Press.
- Graham, Steve & Trina Graham. 2004. West Africa lusolexed creoles word list file documentation. SIL Electronic Survey Reports.
- Günther, Wilfried. 1973. *Das Portugiesische Kreolisch der ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn.
- Hagemeijer, Tjerk. 1999. As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné. *Revista Camões* 6. 74-88.
- Hagemeijer, Tjerk. 2000. *Serial verbs in São-Tomense*. Lisboa: Universidade de Lisboa, dissertação de Mestrado.
- Hagemeijer, Tjerk. 2001. Semi-lexicality and underspecification in serial verb constructions. In Norbert Corver & Henk van Riemsdijk (eds.), *Semi-lexical heads*. New York: Mouton de Gruyter.
- Hagemeijer, Tjerk. 2003. A negação nos crioulos do Golfo da Guiné: Aspectos sincrónicos e diacrónicos. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* 2. 151-78.
- Hagemeijer, Tjerk. 2007. *Clause structure in Santome*. Lisboa: Universidade de Lisboa, dissertação de Doutoramento.
- Hagemeijer, Tjerk. a publicar. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In Enoch Aboh & Norval Smith (eds.), *Complex processes in new languages*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Hagemeijer, Tjerk & Ota Ogie. a publicar. Êdó influence on Santome: Evidence from verb serialization. (volume a editar na John Benjamins por Claire Lefebvre).
- Kahrel, Peter. 1996. *Aspects of negation*. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam, dissertação de Doutoramento.
- Ladhams, John. a publicar. Article agglutination and the African contribution to the Portuguese-based creoles. In Angela Bartens & Philip Baker (eds.), *Black through White*. London: Battlebridge Publications.
- Lorenzino, Gerardo A. 1996a. Uma avaliação socio-linguística sobre São Tomé e Príncipe. In *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. II. 1-17. Lisboa: APL e Edições Colibri.
- Lorenzino, Gerardo. 1996b. Afro-Portuguese creole *a*: Its Kwa origins and discourse pragmatics. *African Journal of Languages and Linguistics* 1. 45-67.
- Lorenzino, Gerardo. 1998. *The Angolar creole Portuguese of São Tomé: Its grammar and sociolinguistic history*. New York; City University of New York, dissertação de Doutoramento.
- Mata, Inocência. 1998. *Diálogo com as ilhas*. Lisboa: Edições Colibri.
- Mata, Inocência. 2004. Identidade cultural são-tomense: Unidade para além da língua. In *Colóquio internacional sobre as línguas nacionais de S. Tomé e Príncipe*. S. Tomé: DóriaDesign.

- Matos, Raimundo José da Cunha. 1842: *Corographia histórica das Ilhas de S. Thomé, Príncipe, Anno Bom e Fernando Pó*. Porto: Typographia da Revista.
- Maurer, Philippe. 1992. L'apport lexical bantou en Angolar. *Afrikanische Arbeitspapiere* 29. 163-174.
- Maurer, Philippe. 1995. *L'Angolar: Un Créole Afro-Portugais parlé à São Tomé*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- Maurer, Philippe. 1999. El verbo locativo *poner* en Santomense, Principense y Angolar. In Klaus Zimmermann (ed.), *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, 89-100. Frankfurt & Madrid: Vervuert & Iberoamericana.
- Maurer, Philippe. no prelo. Lung'ie: The Afro-Portuguese creole of Príncipe island (Gulf of Guinea). Grammar – Texts – Vocabulary. London: Battlebridge.
- McWhorter, John. 1992. Substratal influence in Saramaccan serial verb constructions. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 7(1). 1-53.
- Melzian, Hans Joachim. 1937. *A concise dictionary of the Bini language of southern Nigeria*. London: Kegan Paul, Trench Trubner & Co.
- Mota, Avelino Teixeira da. 1976. Alguns aspectos da colonização e do comércio marítimo dos Portugueses na África Ocidental nos séculos XV e XVI. Lisboa: Centro de Estudos de Cartografia Antiga, Junta de Investigações Científicas do Ultramar.
- Negreiros, Almada José. 1895. *Historia Ethnographica da ilha de S. Tomé*. Lisboa.
- Pereira, Duarte Pacheco. *Esmeraldu de situ orbis*, 3ª ed. anotada por D. Peres [1983]. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- Post, Marike. 1998. La situación lingüística del Fa d'Ambô. *Foro Hispanico* 13. 29-46.
- Post, Marike. 1997. Negation in Fa d'Ambô. In Ruth Degenhardt, Thomas Stolz & Hella Ulferts (eds.), *Afrolusitanistik: Eine vergessene Disziplin in Deutschland?*, 292-316. Bremen: Universität Bremen.
- Post, Marike. 1992. The serial verb construction in Fa d'Ambu. In Ernesto de Andrade, Maria Antónia Mota & Dulce Pereira (eds.), *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*, 153-169. Lisboa: Colibri.
- Quintas da Graça, Amadeu. 1989. *Paga Ngunu*. S. Tomé: Empresa de Artes Gráficas.
- Rita, Gete. 1978. Poesia tradicional de S. Tomé e Príncipe. In *Colecção Tela Non*. S. Tomé.
- Rougé, Jean-Louis. 1992. Les langues des Tonga. In Ernesto de Andrade, Maria Antónia Mota & Dulce Pereira (eds.), *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*, 171-176. Lisboa: Colibri .
- Rougé, Jean-Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.
- Ryder, Alan. 1969. *Benin and the Europeans 1485-1897*. London: Longman.
- Sandoval, Alonso de. 1987 [1627]. *De instauranda aethiopum salute. Un tratado sobre la esclavitud*. Introdução e transcrição de Enriqueta Vila Vilar. Madrid: Alianza Editorial.
- Schang, Emmanuel. 2000. *L'émergence des créoles portugais du Golfe de Guinée*. Nancy: Universidade de Nancy 2, dissertação de Doutoramento.
- Schuchardt, Hugo. 1882. Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé. *Sitzungsberichte Wien* 101. 889-917.
- Schuchardt, Hugo. 1888. Ueber das Negerportugiesische von Annobom. *Sitzungsberichte Wien* 116. 193-226.
- Schuchardt, Hugo. 1889. Ueber das Negerportugiesische der Ilha do Príncipe. *Zeitschrift für romanische Philologie* 13. 463-75.

- Seibert, Gerhard. 2007. Angolares of São Tomé island. In Philip J. Havik & Malyn Newitt (eds.), *Creole societies in the Portuguese colonial empire*, 105-126. Bristol: Bristol University Press.
- Sousa, Celos Batista de. 1990. *S. Tomé e Príncipe: Do descobrimento aos meados do século XVI*. Lisboa: Universidade de Lisboa, dissertação de Mestrado.
- Valkhoff, Marius F. 1966. *Studies in Portuguese and creole*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Zamora, Armando (ms.). *Gramática descriptiva del fa d'ambô*.